

SORAIA ANDRÉ: A LUTA DENTRO E FORA DOS TATAMES PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DE SI

SORAIA ANDRÉ: THE STRUGGLE INSIDE AND OUTSIDE THE MATS IN THE (RE)CONSTRUCTION OF THE SELF

Cláudia Maria de Farias¹



Resumo

O trabalho, ao incorporar o gênero como categoria de análise histórica, sem desconsiderar a importância dos conflitos de classe e raça, examina como se processou a construção da trajetória esportiva de Soraia André - judoca negra, ex-atleta da seleção olímpica do Brasil - até sua despedida dos tatames no início dos anos de 1990. Assim, entendendo a prática esportiva como campo de poder, tramas, conflitos, tensões e investimentos, a história de vida da atleta protagoniza uma conquista para o judô feminino brasileiro, para além de revelar a luta de Soraia pela reconstrução de si e afirmação da sua negritude.

Palavras-chave: Soraia André; judô feminino; relações raciais e de gênero.

Abstract

The work, by incorporating gender as a category of historical analysis, without disregarding the importance of class and race conflicts, examines how the construction of the sports trajectory of Soraia André, black judoka, former athlete of the Brazilian Olympic team, was processed until her departure from the mats in the early 1990's. Thus, I understand sports as a field of power, plots, conflicts, tensions and investments, the athlete's life story leads to an achievement for Brazilian female judo, in addition to revealing Soraia's struggle for the reconstruction of herself and the affirmation of her blackness.

Keywords: Soraia André; female judo; racial and gender relations.

A construção da atleta Soraia André

Nascida na periferia da zona norte de São Paulo, em nove de agosto de 1964, Soraia André é a filha mais velha de Israel Laércio André e de Neide de Jesus. No total, são cinco irmãos; uma das filhas é do primeiro casamento de seu Israel. O

¹ Professora do curso de graduação em História da UEA, realizando estágio pós-doutoral no PPGH-UFAM. E-mail: cmdfarias@yahoo.com.br.



pai de Soraia foi ajudante de mecânico e feirante; a mãe, empregada doméstica. Como ela mesma disse na entrevista a mim concedida “era uma menina pobre, sem perspectiva de vida. Se alguém me visse naqueles anos, não ia apostar em nada... Minha mãe saía de casa para trabalhar e nós ficávamos um cuidando do outro, os mais velhos cuidando dos mais novos... Uma família praticamente pobre, sem ter o que comer. Muitas vezes, passando privação...”² Seu cotidiano na infância foi vivido entre os estudos numa escola pública e as brincadeiras de rua: amarelinha, pega-pega e esconde-esconde. As pessoas diziam que Soraia era uma “moleca”. Dentro de casa, ela gostava de ouvir música, sobretudo Elis Regina: “quando você não tem o concreto, você tem que fazer uso da imaginação e brincar, eu falo que eu brincava de viver”. Depois de fazer o primário e o ginásio, fez o colegial em eletrônica. Apesar de reconhecer que o curso de eletrônica não serviu para nada – “não sei trocar uma lâmpada” –, a ex-atleta falou que o fez por “desafio”, demonstrando sua insatisfação com a condição feminina na época: “eu gosto muito das coisas proibidas, principalmente quando falam que é proibido para as mulheres. Na minha sala só tinha duas ou três mulheres. Aí eu tenho o diploma, é proibido, mas eu consigo aprender”.

Ao ser indagada sobre como se interessou pela prática do judô, Soraia falou que tudo começou com uma brincadeira. Como gostava de poesia e música, frequentemente rimava as palavras. Na época, ela queria ganhar um gravador de presente de Natal. Para pedir o aparelho para o pai, ela simplesmente rimou gravador com judô. Assim contou:

eu tinha que rimar, porque eu adorava. Eu gosto muito de música, então eu vou rimar judô. Pedi. Eu nunca tinha visto isso. Nunca tinha visto esse esporte. Não sabia como era, não sabia nem se existia, mas eu ousei pedir. Eu quero um gravador. Como a gente não articula esse final de “dor”, eu rimei com judô. Aconteceu assim...³

Ainda que Soraia não soubesse da existência desse esporte, da roupa usada, nem como era praticado, deixou escapar que “não acreditava em coincidência”. Desconfiada do sentido dessa frase, perguntei se ela não conheceu alguma criança que praticasse judô. Diante da sua negativa e instigada por essa “estranha

² Soraia André, entrevista concedida à autora em 27 de outubro de 2009.

³ Idem.



coincidência”, indaguei como seu pai reagiu perante essa decisão inusitada e “casual”. Então, ela lembrou da influência inconsciente exercida por ele

meu pai tentou fazer boxe e até começou com o Edér Jofre, mas não passava. Ou trabalhava ou fazia. Então eu acho que ele já trazia no inconsciente que queria lutar ou, pelo menos, ter um filho ou uma filha que lutasse. Quando eu falei que queria fazer, ele foi o primeiro a dizer: ‘- vai fazer judô!’ E minha mãe falou: - ‘não vai fazer judô! ‘Você vai virar homem’ e coisas do tipo. Eu não vejo muita diferença da minha mãe e o Decreto que tinha que proibia, né? Minha mãe não tinha muito conhecimento, não tinha essa letra toda, porém tinha o mesmo pensamento dos legisladores da época.⁴

De certo modo, os antigos interesses e as frustrações pessoais do pai constituíram um horizonte formativo para Soraia André; um horizonte de possibilidades para a filha de seu Israel. Não por acaso, as outras irmãs de Soraia também tentaram praticar alguma luta – capoeira e caratê –, embora sem afinco. O único filho homem da família tentou futebol, mas acabou não se identificando com a prática do esporte, assim como as outras três irmãs. De todos, Soraia André foi a única que persistiu, talvez movida pelo precoce e incansável desejo de ultrapassar as barreiras existentes para as mulheres. Afinal, o judô ainda era uma modalidade esportiva proibida para as mulheres em 1976 – ano em que ela ingressou na Associação Judô Imirim, localizada na zona norte de São Paulo, aos doze anos.⁵ Lá percebeu que era muito diferente das outras mulheres, da comunidade de japoneses, que praticavam o judô como caminho de vida, misturando filosofia, religião e artes marciais, conforme as práticas dos seus ancestrais. Para tentar se sentir igual e fazer parte da Associação, iniciando seus treinamentos, Soraia aprendeu a falar japonês, alisou o cabelo, além de incorporar os princípios e tradições da cultura japonesa inerentes à prática do judô. Sobre esse aspecto, ela lembrou:

praticar judô foi para mim uma luz no fim do túnel, só que eu tive um preço muito alto a pagar, porque eu tinha que ter comportamentos ditos normais. Não podia gostar de samba, não podia ter meu cabelo ao natural, então foi um preço muito alto, mas eu vi que era uma luz; eu tinha certeza muito grande que através daquilo ia conseguir sair da margem e ter acesso pelo menos à educação, a cultura. Foi um preço que acabei pagando. Imagina você estar num lugar e as pessoas começarem a olhar

⁴ Soraia André, entrevista concedida à autora em 27 de outubro de 2009.

⁵ Idem.



para o seu cabelo e comentar alguma coisa, a querer tocar seu cabelo como se você fosse um bicho ou uma pessoa estranha? Ficava mais parecida com o tipo que queriam que eu fosse. No começo eu era negona, depois passei a ser neguinha, mulata e de cor. Então, a sociedade acabou me embranquecendo. Ou você é branca e faz judô ou se for negra, não tem acesso... Então, eu tive que aprender, eu falava japonês, tinha que me comportar como uma gueixa. Meu apelido era 'japonegra' e até gosto. Eu gostava muito disso, me custou alguns anos de terapia depois, **mas isso é outro capítulo que você não deve me perguntar (grifo meu)**. Então, era um significado mesmo, uma luz no fim do túnel, você abraça isso e ponto final!⁶

Como é possível perceber, a narrativa de Soraia André é perpassada por ambiguidades e deslocamentos temporais. A consciência e compreensão dos problemas que a prática do judô inicialmente representou para a conformação de sua identidade racial é fruto de sua memória contemporânea, ou seja, foi elaborada com o tempo e construída durante o doloroso processo terapêutico pelo qual precisou passar na fase adulta, depois de ter conquistado seu principal objetivo na vida: obter reconhecimento e ascensão social com o esporte. Sem dúvida, seu obstinado desejo de ingressar e permanecer no judô “para sair da margem” orientou conscientemente suas escolhas, atitudes e comportamentos na adolescência, a ponto de realizar várias transformações para fazer parte de uma comunidade de japoneses e se parecer com uma “gueixa”. Sendo assim, ela foi agente da própria história de vida e, portanto, suas supostas inocência e vitimização são improváveis. Não por acaso, a ex-atleta olímpica reconheceu que gostava de seu apelido “japonegra”. Na verdade, uma síntese do que Soraia precisava aparentar, para negar sua ancestralidade negra. Em outra frase, ela afirmou saber que o judô significava “uma luz no fim do túnel” e exclamou: você abraça isso e ponto final! Conforme destaca Maurice Halbwachs,

desde que a criança ultrapasse a etapa de vida puramente sensitiva, desde que ela se interesse pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo. Ela não mais está fechada em si mesma, pois que seu pensamento comanda agora perspectivas inteiramente novas, e onde ela sabe muito bem que não está só a vaguear seus olhares; entretanto, ela não saiu de si, e, para abrir-se a essas séries de pensamentos que são comuns aos membros de seu grupo, não está obrigada a fazer o vácuo em seu

⁶ Soraia André, entrevista concedida à autora em 27 de outubro de 2009.



espírito, porque, por alguma forma e sob alguma relação, essas novas preocupações vindas de fora interessam sempre o que chamamos aqui o homem interior, quer dizer não são inteiramente estranhas a nossa vida pessoal.⁷

Mesmo tendo consciência do que escolheu fazer para tentar driblar as discriminações raciais e de gênero, seguindo firme no seu propósito, essa lembrança ainda hoje é extremamente delicada e complexa para Soraia – “um capítulo que eu não devia lhe perguntar”, conforme fez questão de frisar na entrevista. De alguma forma, a recordação desse momento é vivida com pesar e parece remetê-la para um sentimento de “falseamento” da sua origem social e identidade racial, dito melhor, para a negociação que precisou estabelecer no passado, com o intuito de realizar seu plano de existir no mundo. Com efeito, segundo destaca o antropólogo Gilberto Velho,

o projeto manifesta-se em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do Outro. Sobretudo, é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivo. Existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo.⁸

Portanto, ao reprimir e tentar dissimular seus conflitos, constrangimentos, comportamentos e ancestralidade, a judoca parece ter “pago um preço muito alto”, demonstrando o peso que isso representou para a afirmação da sua negritude. Afinal, uma adolescente negra e pobre querer fazer judô, entre japoneses de diferentes gerações, era algo inédito, visto como muito estranho à época. Assim, seu esforço de ser aceita num grupo social discriminador e excludente, mas que dominava a prática de um esporte oriental proibido às mulheres no Brasil naquela época, se materializou no corpo e foi sentido por Soraia como vital, a despeito das contradições e conflitos vivenciados. Talvez, a única forma percebida por ela para não repetir a história do pai, que desistiu do boxe porque tinha que trabalhar e sobreviver. Esse aspecto foi confirmado quando eu na entrevista comentei que o judô impôs limites para ela ao mesmo tempo em que abriu caminhos. Então, ela respondeu:

⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 62.

⁸ VELHO, Gilberto. “Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica”. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, vol. 95, out-dez 1988, p.125.



impôs um limite durante um tempo. Era isso ou você se cala e faz, né? Eu digo que era um corpo vendido, o que meu corpo podia dar resultado, eu tinha que estar muito bem, ser forte, ter garra, ter tudo aquilo que eles cantam: - 'é preciso ter força, é preciso ter raça, ter gana sempre!'... Então eu vivia com esse mantra... Então a dor, eu não encarava muito a dor, porque tinha que ter um objetivo e eu sabia que era certo que eu ia conseguir um lugar ao sol.⁹

Um ano após o fim das restrições para a prática esportiva feminina no Brasil, Soraia André foi uma das atletas que formou a primeira equipe de judô feminino do país, no Campeonato Mundial, realizado nos EUA, em 1980. Integrou a seleção brasileira de 1980 até 1992. Aos 16 anos, junto com Solange e Tina – as melhores judocas brasileiras, na época –, ela já tinha sido campeã brasileira em duas categorias. Mas, ao chegar no seu primeiro campeonato mundial, a surpresa foi muito grande. Soraia lembrou essa experiência assim: “foi um choque, as mulheres que não eram brasileiras treinavam como nós víamos os homens treinar aqui: ‘Meu Deus, o que é isso???’ Muitas já eram faixas pretas e foi chocante. Deu medo... Não via a hora de voltar para o Brasil”, disse ela, entre muitos risos. Ao se referir à defasagem física e técnica que existia entre as competidoras brasileiras e as judocas estrangeiras, dos países onde o esporte não era proibido às mulheres, Soraia André contou que a classificação se resumiu ao tempo máximo que conseguiam suportar uma luta, não raro muito curto. Algumas vezes, só permaneceram no tatame trinta segundos. Quando indaguei sobre sua colocação ao final da competição, ela relatou rindo muito: -“Viva...Eu saí viva!”. A ex-atleta se lembrou, inclusive, que uma companheira de equipe levou na bagagem uma tipóia, já prevendo que seu braço fosse quebrado pelas adversárias. Apesar de ser campeã absoluta, na categoria peso-pesado, Soraia era faixa verde, uma cor que praticamente identifica os iniciantes e vem bem antes da faixa preta.

Logo depois, Soraia André começou a trabalhar no banco Itaú. O patrocínio conseguido junto ao banco permitiu que prosseguisse nos treinamentos e nos estudos. Assim, ela fez faculdade de Educação Física e uma Pós-graduação. Hoje é funcionária da prefeitura de Santo André e ocupa o cargo de gerente de difusão esportiva. Transmitiu seus ensinamentos na ginástica e no judô em muitas

⁹ Entrevista concedida à autora Claudia Farias em outubro de 2009.

escolas periféricas do município. Apesar de ter conquistado projeção social e reconhecimento com o esporte, Soraia não esqueceu os adversários que teve pela frente. Para além do racismo e machismo, sua mãe foi um deles. Mas Dona Neide resistiu apenas até o momento em que a filha ficou famosa como lutadora. Soraia, então, aparecia na imprensa e televisão. Construiu uma casa para a família e conseguiu mostrar à mãe que tinha chegado lá, apesar de tudo e de todos que encontrou no caminho. Muitos deles, companheiros da seleção brasileira de judô masculino. Afinal, Soraia André viveu a transição nesse esporte, momento em que os atletas do judô ainda estranhavam as judocas treinando com eles, participando de competições pelo país e mundialmente. Quando ela e Mônica Angelucci (categoria “ligeiro”) integraram a primeira equipe de judô feminino da delegação brasileira, nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, eram apenas 35 mulheres representando a delegação feminina, de um total de 170 atletas (COB, 2004: 332-354). A disparidade de gênero era grande, apenas duas judocas, entre 7 atletas do judô masculino. Aurélio Miguel era um deles. Nessa edição das Olimpíadas, ele ganhou a medalha de ouro, na categoria meio-pesado. Ainda que o esporte já fosse permitido às mulheres, as resistências foram muitas, inclusive, no interior da própria Confederação Brasileira de Judô (CBJ), como contou Soraia:

o começo os homens do judô não aceitaram muito: -‘o que essas mulheres estão fazendo aqui???’’. Estava todo mundo perdido, tanto nós quanto eles. Era tudo misturado, nosso treinamento era junto com os homens... Nosso técnico dizia que os homens só podiam treinar com as mulheres depois de ficarem cansados, depois da sétima ou oitava luta deles... Treinavam com as mulheres para descansar. Era uma relação muito esquisita porque ninguém sabia o que estava fazendo ali, nem a gente, nem eles, nem os técnicos. Eu tinha dezesseis anos quando entrei para a seleção: -‘que mundo é esse?’. Os meninos não gostavam, falo meninos, mas eram homens. Aurélio Miguel e companhia. Porque era assim: -‘o que essas mulheres estão fazendo aqui?’. E nós também: -‘o que estamos fazendo aqui?’¹⁰

Com efeito, Soraia André lembrou, de forma recorrente, as tensões e conflitos de gênero enfrentados. Esse fato proporcionou às judocas uma forte coesão entre elas, minimizando outras diferenças sociais existentes, inclusive a

¹⁰ Entrevista concedida à autora em outubro de 2009.

racial, fato agravado ainda mais pela ausência de mulheres como técnicas. Só recentemente o judô feminino teve uma técnica.¹¹ Sobre isso relatou:

quando nós conquistamos esse espaço de sermos uma seleção brasileira, nós ficamos muito unidas, bem unidas mesmo. A gente trocava muita correspondência, conversava muito. Eu tenho uma amiga, a Mirian, ela fez parte da seleção também, é minha amiga até hoje. São trinta anos de amizade, muito harmônico, muitas coisas construídas, porque nós sofremos juntas e o sofrimento acaba unindo...¹²

O tratamento diferenciado dado aos homens e mulheres da seleção brasileira de judô, por parte da Confederação, evidenciou-se, tão logo as primeiras competições internacionais femininas ocorreram. “Na hora de competir o técnico ficava mais ao lado dos homens, porque achava que ia ter medalha. A torcida era maior”, disse Soraia. E continuou: “nos levavam porque não tinha jeito... Mas se pudessem fazer opção levavam dois homens em uma categoria e nenhuma mulher, optavam sempre por dois homens ou se tinha verbas, vamos levar os homens”. Essa discriminação se revelou também por parte da sociedade brasileira, em geral. Quanto a esse aspecto, Soraia falou da suspeita de masculinidade que pesava sobre ela, sobretudo porque era muito musculosa, tinha cabelo curto e andava sempre suada. Como vivia treinando e trabalhando, Soraia não tinha tempo para a vaidade e namorar, fato que aumentava a desconfiança de homens e mulheres, inclusive de jornalistas: “músculo está associado ao homem, como se as mulheres não tivessem músculos, né? E musculosa é masculina...”. Assim, a judoca demonstrava ter consciência dos estereótipos de gênero construídos que a identificavam como masculina. Fato confirmado quando ela falou sobre as cobranças que existem sobre uma atleta:

nós somos educadas para desempenhar determinados papéis sociais e aí você começa a ir na contramão disso, de tudo... Eu não tive muito tempo para aprender a bordar, fazer crochê, eu hoje sei fazer. Eu acredito que nós comportamos o masculino e o feminino nas nossas características... Mas eu não tinha muito tempo para desenvolver esse padrão social de ser mulher, que é um padrão social.¹³

¹¹ Sobre a escassa participação das mulheres como técnicas e dirigentes no esporte brasileiro, ver GOMES, Euza Maria de Paiva. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. Quartet/FAPERJ, 2008.

¹² Entrevista concedida à autora em outubro de 2009.

¹³ Entrevista concedida à autora em outubro de 2009.



A forma preconceituosa com a qual era tratada e as discriminações da Confederação Brasileira de Judô permaneceram mesmo após o fim da ditadura no país e com as conquistas das medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, em 1987. Soraia André assim recordou: “nós conseguimos um total de 5 medalhas, 2 de ouro. Mas foram 3 medalhas de ouro masculina. Aí falavam: os homens superaram as mulheres. Se alguma coisa mudou foi imperceptível.” Sobre o relacionamento das judocas com os dirigentes, após as conquistas das mulheres ela disse:

alguns anos depois nós não conseguíamos patrocínio para a preparação e como essa medalha nos garantiu o direito de participar das Olimpíadas seguintes, nós até pensamos que íamos ter um tratamento diferenciado, que iríamos ter verbas para fazer os intercâmbios e tal. Quando aparecia verba se tivesse que levar a seleção masculina completa, ia a seleção masculina completa e a feminina ficava, então não mudou muita coisa não...¹⁴

Apesar de enfatizar a hierarquização de gênero predominante entre homens e mulheres do judô brasileiro, Soraia deixou escapar que outras discriminações surgiram após a primeira experiência feminina do judô em Olimpíadas, em 1988:

you are está me perguntando de preconceito racial. Quando nós voltamos de Seul, a Mônica Angelucci teve um patrocínio bacana, porque tinha sido a primeira mulher a representar o Brasil e eu não consegui patrocínio. Aí as pessoas me perguntavam porque acontece isso? Talvez porque a Mônica é loira e a Soraia não, eu não sei... Mas ficou muito evidente isso. Foi mais fácil, isso abriu uma porta para o patrocínio. Ela fez uma propaganda na televisão.¹⁵

Em que pese o forte preconceito racial sentido – fator aparentemente decisivo para a obtenção do patrocínio pela judoca Mônica Angelucci –, Soraia esqueceu de outro detalhe: Mônica pertencia à categoria “ligeiro”¹⁶ do judô feminino e, certamente, sua pequena figura atlética não desagradava o patrocinador, pois remetia ao modelo de leveza feminina hegemonicamente consagrado. Ao contrário de Soraia, cuja aparência avantajada e musculosa – era

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Na categoria ligeiro, as judocas são bem mais leves e deviam pesar até 48 kg, na época dos Jogos de Seul, em 1988.



da categoria meio-pesado (até 72 kg) –, comumente remetia às representações de masculinidade. Fatores que, provavelmente, pesaram para a não obtenção desse patrocínio.

Quatro anos após sua estreia em Jogos Olímpicos, Soraia André encerrou sua carreira como atleta. Estava, então, com 28 anos. Mas a idade não foi o motivo do fim de sua aposentadoria no esporte. Na verdade, seu desligamento ocorreu em virtude de outro fator. Em 1992, Soraia André confrontou a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), questionando sobre a verba destinada às judocas para comparecerem ao Campeonato Internacional Feminino de Fukuoka, no Japão, concedida pela própria organização do evento, mas que nunca haviam recebido. Como já suspeitava há algum tempo do desvio da verba pela CBJ, foi ao presidente da confederação “dar um basta na situação” e exigir o prêmio. Aí a verba apareceu, “eles falaram que estavam guardando para nós”. Logo depois, Soraia ouviu que sua cabeça ia rolar. Então, durante a seletiva para o Campeonato Mundial, em 1993, ela recebeu um telegrama dizendo que mulheres com 28 anos ou mais não poderiam participar das competições. Como já tinha mais de 28 anos, percebeu que se tratava de “uma coisa pessoal”, uma vingança da CBJ. Decidiu, então, fazer um protesto no Rio de Janeiro, na competição da qual foi excluída. Vestiu um quimono preto e andou pelas arquibancadas do estádio para expressar seu luto, sua dor e desligamento do judô. “Eu estava morrendo como atleta”, disse Soraia. “Senti muita dor. Fiquei muito triste. Na época, pareceu a pior coisa da minha vida. Pensei: - ‘O que vou fazer da minha vida?’ ‘Quem sou?’ ‘Eu era só judoca?’ Foi um ponto final, né?”¹⁷

A despeito da dor sentida, ela pôde finalmente chorar, se libertar do peso das mágoas acumuladas, daqueles ressentimentos recalçados que carregou ao longo da carreira e que só naquele momento puderam ser manifestados. Com efeito, é preciso considerar como a raiva recalçada, a indignação e o orgulho ferido marcam a sua memória ainda no presente, ao mesmo tempo que lhe possibilitaram forjar um projeto de vida no passado. Conforme assinala Pierre Ansart, é preciso compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, a quais comportamentos serve de fonte, que atitudes e condutas inspiram,

¹⁷ Entrevista concedida à autora em 27 de outubro de 2009.



consciente ou inconscientemente.¹⁸ Não foi à toa que Soraia assim contou, quando lhe perguntei se teve algum arrependimento:

nunca me arrependi, eu faria de novo. Uma das coisas que aprendi é que você sempre tem que expressar a tua indignação de alguma forma. Eu gostei desse protesto, eu achei que foi algo meu, muito meu comigo, com a minha vida (...) eu sempre falo que me senti renascida das cinzas. Foi aí que eu comecei a sair daquele mundo, do mundo do judô. Aí eu comecei a elevar meus olhos para outros lugares e ver que existiam outros mundos e que eu podia ser feliz mesmo em outros mundos, podia ser útil de outra forma, fazer um outro tipo de trabalho até com o próprio judô.¹⁹

Portanto, à forte crise de identidade sentida se seguiu um sentimento de libertação, possibilidade descortinada a partir da percepção da simbiose contida no próprio nome da lutadora. Com efeito, depois da ruptura, a judoca não se reconhecia mais como “André”, sobrenome masculino pelo qual era chamada a lutar nas competições internacionais. “Descobri que eu era Soraia, antes do André. Nossa eu já tenho o feminino e o masculino. Então, eu achei fantástico”. Assim, sua memória em torno dessa ruptura é igualmente sentida como renascimento, como se outra pessoa fosse a partir de então.

Independentemente das barreiras enfrentadas e do esquecimento público que cerca a trajetória do judô feminino no Brasil, Soraia reconheceu que as judocas da nova geração se beneficiaram das lutas travadas por ela e outras mulheres, dentro e fora do tatame. Quando encontrou Ketleyn Quadros, judoca meio-leve, primeira brasileira a receber a medalha de ouro, nos Jogos Olímpicos de Pequim, realizados em 2008, Soraia esboçou um largo sorriso e disse: “sua medalha é minha, viu menina!”, demonstrando-lhe a importância daquelas que a tinham precedido no esporte e que tornaram sua conquista possível.

A reconstrução de Soraia e a afirmação de sua negritude

Após uma década em que concedeu a entrevista de história oral para minha tese de doutorado, podemos perceber um novo esforço na reconstrução de si da atleta Soraia André. Afinal, segundo afirma Pollak, a própria construção da

¹⁸ ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora Unicamp, 2004, p. 21-22.

¹⁹ Entrevista concedida à autora em 27 de outubro de 2009.



memória e da identidade, tanto individual quanto coletiva, também não está isenta de mudanças, de negociações e de transformações em função do outro, sofrendo flutuações no momento em que é articulada e está sendo expressa.²⁰ Em uma reportagem realizada pelo jornalista Gabriel Fricke, ao portal do Globo Esporte, em 2020, a judoca dona de 10 títulos nacionais, um ouro e dois bronzes nos Jogos Pan-Americanos (Indianápolis 87, Caracas 83 e Havana 91), e participante de duas Olimpíadas (em Seul, 1988 e em Barcelona, 1992), constrói outra narrativa, onde destaca que depois de ter desfilado de quimono preto e virado *persona non grata* na CBJ, sofreu depressão e foi parar num hospital psiquiátrico. Assim ela contou ao jornalista:

Passei meus dias muito mal. Meu modo de existir no mundo era como judoca. Não consegui lidar com isso e fui parar num hospital psiquiátrico. Não fiquei muito tempo, mas não consigo dimensionar. Quando você entra em outra dimensão da psique, você perde a noção do tempo. Se fiquei um dia, se fiquei meia hora, era muito tempo para ficar. Quando cheguei lá, tomava sedativo, porque gritava: "não estou louca". Quanto mais gritava, mais sedativo davam. Fui parar ali porque, num certo dia, eu acordei, coloquei meu judogi e me aqueci. Minha mãe perguntou o que eu estava fazendo, achou que estava brincando. Passaram horas. Eu dizia: "vão me chamar daqui a pouco, vou lutar". Meu pai e minha mãe viram que não era normal. Dizem que dei um golpe nele. Chamaram pai de santo, pastor, padre, lembro de homens com a Bíblia: "Sai dela". Jogavam água benta. Não tinha mais jeito. No hospital, via todo mundo solto, um falando que era Jesus, um Napoleão, e eu dizendo que não estava louca. Me prenderam. Apanhei do enfermeiro. Tapa na cara, sabe? Me lembro que, para sair do hospital, clamei a Deus. Minha vó falava para mim que existia um Deus e nunca dei bola. Fui me acalmando conforme gritava: "Deus da minha avó, deixa eu sair daqui". Hoje creio num Deus que nos dá oportunidade de ser a gente. Talvez tenha sido uma catarse. O enfermeiro veio e me desamarrou. Meus pais foram me buscar. A partir daí, comecei a tentar reconstruir minha vida. Não foi fácil, né? O que eu fazia mais era o judô. Fui buscar outro caminho. Cantei na noite paulista. Continuei dando aula de judô. Me casei, descasei, casei de novo. Fui reconstruindo a Soraia.²¹

O episódio no qual Soraia André já tinha se referido como um "renascimento", mais ligado à libertação do seu nome masculino, na entrevista concedida para mim, em 2009, agora adquiriu outro significado: a consciência de que era necessário tornar-se negra! Com efeito, para o repórter Gabriel Fricke, a judoca menciona o livro "Tornar-se Negra", da escritora psiquiatra e psicanalista

²⁰ POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

²¹ FRICKE, Gabriel. **Do ferro para alisar o cabelo ao quimono preto: a luta de Soraia André dentro e fora do tatame**. ge Olimpíadas, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com>. Acesso realizado em: 20 mar. 2022.



negra Neuza Santos Souza, que mostra a auto-rejeição do negro por seu aspecto exterior e diz que é necessário um "raro grau de consciência para que esse quadro se inverta". Ao que parece, o desfile de quimono preto e todas as suas consequências, inclusive o recebimento de um telegrama da CBJ em que estava escrito "onde a seleção estiver, não ponha os seus pés", fizeram com que a judoca afirmasse nessa recente entrevista que "eu não sou mais quem vocês pensam que eu sou... eu morri, mas nasci (como negra)."²²

Com efeito, o "novo renascimento" de Soraria André, após muitos anos de elaboração terapêutica, significou a afirmação paulatina de sua negritude, inclusive manifestada por meio de uma viagem para Angola em 2019, narrada para o jornalista como muito importante para a atleta poder "cavar suas raízes, empretecer e se conscientizar da colonização do pensamento", Segundo disse:

"Pisei em Luanda, respirei e entendi... Fui lá fingir que ia ensinar judô para eles. Ensinei um ou dois golpes e aprendi muito. Vi que não precisa de muita coisa para viver bem e ser alegre. Eles riam muito.... Aprendi em Angola que as pessoas mais velhas têm a obrigação de ensinar os mais novos. Existe lá a figura do "soba". O "soba" é uma figura na comunidade que é o detentor do saber, então ele tem a obrigação de aconselhar. Até numa briga. Na discussão entre marido e mulher, eles levam para ele dar a palavra final. O que eles falam, vão fazer. Ele é eleito. Eu fui para Angola para voltar como uma "soba" de lá".²³

Ela ainda afirma na mesma entrevista que seu engajamento era recente e que em tempos passados se indignava com as ativistas do movimento negro no Brasil, "eram demais". Mais adiante, ela diz que o racismo estrutural vigente no Brasil quer que se pense assim: "estou numa sociedade extremamente racista. Eu descobri isso. Descobri que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado pelo Estado. É uma sociedade que estrutura homem branco, mulher branca, homem preto, mulher preta. Sou a última da pirâmide".²⁴ Conforme podemos notar, Soraia André hoje assume a postura de muitas intelectuais e ativistas negras norte-americanas e latino-americanas, entre os anos de 1970 e 1980, ligadas ao feminismo negro e ao pensamento decolonial, que combatiam o pensamento eurocêntrico,

²² Idem.

²³ FRICKE, Gabriel. **Do ferro para alisar o cabelo ao quimono preto: a luta de Soraia André dentro e fora do tatame.** ge Olimpíadas, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com>. Acesso realizado em: 20 mar. 2022.

²⁴ Idem.



racista e sexista engendrado pelo mundo capitalista.²⁵ Atualmente, ela se reconhece como mulher negra e tem consciência das diversas formas de opressão experimentadas ao longo da sua trajetória esportiva, bem como dos seus consequentes danos físicos e morais. Segundo disse na reportagem de Gabriel Fricke:

Tinha 11 para 12 anos, pequena, negra do cabelo duro, como dizia a música. As japonesas gargalhavam, punham a mão no meu cabelo e morriam de rir. Eu me sentia mal, não queria mais ir, falava com minha mãe. É muito duro quando você tem seu biotipo como motivo de piada. Hoje sei que tem nome porque eu estudo: chama-se racismo recreativo. Eu pequena não sabia que era racismo, nem que era recreativo. Só sei que doía minha alma. Eu pedia para minha mãe: “Não quero mais ir”. Ou então pedia para dar um jeito no meu cabelo. Chamavam de Bombril, de palha de aço, diziam que iam me jogar para o alto e colocar velcro para eu ficar pendurada. Só quem passa sente, talvez eu falando não dê para dimensionar. Minha mãe alisava meu cabelo com um pente de ferro que ia no fogo e na minha cabeça. Eu pensava que aquilo doía tanto, mas se a gente tivesse uma balança para pesar a dor, a dor daquele pente de ferro com fogo na minha cabeça doía menos que essa esculhambação. Era muito dolorido. Minha alma doía, mas ao mesmo tempo eu ficava feliz que saía da comunidade e ia para lá.²⁶

E continua...

Como em toda comunidade, vivenciava a privação. Saía com minha irmã de porta em porta pedindo esmola. As pessoas davam comida vencida... ou eu ficava na comunidade me submetendo a isso, ou eu ia para o dojô onde as pessoas iam rir de mim. A gente vivia todo tipo de desrespeito. Criança e adulto era tudo misturado, não tinha respeito com as crianças. **Tudo era muito caótico, dolorido, era abuso físico, psicológico, sexual. Fui abusada na infância na comunidade. Era correr do espeto e cair na brasa.** Na comunidade, as dores eram físicas. Na academia, era a dor da alma, mas acho que compensava, porque eu brincava, dava cambalhota, fazia estrela. Tinha como um recurso meu corpo bailando. A gente faz uma opção. Eu pensava: "vai doer, mas o que vai doer menos? Fiz uma opção de sofrer menos... Toda minha identidade de “negona”, aquela “bocona” (mostra a boca aberta), tive que “shhh” (faz gesto como que fechando a boca). Eu estava num ambiente em que eu não podia ser negra.²⁷

²⁵ Sobre a abordagem interseccional e as diversas maneiras pelas quais as opressões de raça, classe e gênero se combinam para estruturar a violência enfrentada por mulheres negras, ver as obras de Bell Hooks, Patricia Hills Collins, Angela Davis, Sueli Carneiro e Lelia Gonzalez.

²⁶ Ibidem.

²⁷ FRICKE, Gabriel. **Do ferro para alisar o cabelo ao quimono preto: a luta de Soraia André dentro e fora do tatame.** ge Olimpíadas, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com>. Acesso realizado em 20 mar. 2022.



Com efeito, Soraia enfatiza o racismo recreativo que sofreu quando era criança, dizendo que não sabia o que era racismo, “só que doía na alma”. Na entrevista, ela também ressaltou a necessidade que sentiu de elaborar essas questões, quando estudou Psicologia e se tornou psicóloga, para além da graduação em Educação Física. Inclusive, em 2016, ela escreveu o livro “Japonegra, uma história de superação, fé e amor”, pois afirma que falar e recontar sua história a ajudou em um processo de cura. Ao que parece, Soraia André discursivamente constrói um ponto de vista sobre si e sobre os acontecimentos vividos que contribui para seu autoconhecimento, sua autoexplicação e autojustificação, segundo sugere Alejandra Oberti, num esforço contínuo de elaborar, até mesmo de forma terapêutica, sua reconciliação com o passado e sua redenção no presente.²⁸ Apesar de algumas variações destacadas nas duas entrevistas, a lógica presente na estruturação da sua memória liberta sua história de vida da exclusão quase intransponível e do confinamento simbólico que lhe foram impostos.

Palavras finais

De acordo com Silvia Salvatici (2006, p. 29-31), a história oral, a história das mulheres e das relações de gênero têm mostrado significativas similitudes em seus propósitos e objetivos, bem como em seus campos de interesse. Ambas foram produzidas (ao menos no que se refere à sua disseminação mais ampla) pelos movimentos sociais e políticos desenvolvidos a partir do final dos anos 60. Nelas, o estágio inicial foi dominado pela ideia de resgate de uma história oculta. Nessa perspectiva, o encontro fomentou uma espécie de contaminação recíproca, que afetou ambos os campos, o da investigação e o da metodologia.²⁹ Para rastrear as dimensões do mundo feminino, por tanto tempo ocultas, a abordagem biográfica e a consequente valorização de experiências individuais para a compreensão do passado também despertaram um crescente interesse entre os historiadores e historiadoras. Assim, “o desejo de estender o campo da história,

²⁸ OBERTI, Alejandra. “Contarse a sí mismas. La dimensión biográfica em los relatos de mujeres que participaron em las organizaciones político-militares de los ’70”. In: CARNOVALE, Vera, LORENZ, Federico e PITTALUGA, Roberto. **História, memória e fontes orales**. Buenos Aires: Cedinci Editores, 2006.

²⁹ SALVATICI, Silvia. “Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres”. **História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, jan-jun de 2006.



de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico”³⁰

Não obstante os avanços epistemológicos deste método, o historiador deve estar atento às suas armadilhas. Ao alertar para o perigo da “ilusão biográfica”, Pierre Bourdieu ressalta os riscos de se considerar uma determinada história de vida como um relato de acontecimentos sucessivos, coerentes e ordenados a partir de um projeto orientado para um fim específico. Retirando da existência humana os conflitos, os imprevistos e as descontinuidades que marcam a fragmentação do “eu”, o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, se basearia na preocupação de estabelecer um sentido artificial e unívoco para a vida de um indivíduo, produzindo uma “apresentação oficial de si”. Portanto, ao construir uma concepção de biografia harmônica e linear, muitas vezes ignora-se a “superfície social” na qual o indivíduo encontra-se imerso, suas colocações e deslocamentos no espaço social ao longo da vida, bem como a rede de relações objetivas estabelecidas, em diferentes situações, com outros agentes envolvidos no mesmo campo. Neste sentido, Bourdieu rejeita o termo biografia, preferindo falar em “trajetórias”.³¹

Com efeito, o trabalho apresentado, baseado nas entrevistas concedidas por Soraia André, sendo uma de história oral, se insere na tentativa de reafirmar a importância dos estudos biográficos e de gênero para a compreensão dos processos históricos contemporâneos através dos quais se realizaram a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo esportivo brasileiro. A partir da trajetória da judoca é possível perceber seus pontos de aproximação, divergências e ambiguidades, bem como as zonas de sombra, as reticências, omissões, os ressentimentos e os esquecimentos que caracterizam as narrativas de si. Tais testemunhos nos possibilitam ainda entrever a pluralidade de estratégias femininas adotadas diante das violências e desigualdades – as confrontações, os consentimentos e/ou contra-poderes –, ou seja, a diversidade de experiências que marcou a carreira dessa atleta, bem como seus projetos e

³⁰ LORIGA, Sabrina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225

³¹ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina(orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.



esforços para ingressar e permanecer num campo significativamente marcado pelo racismo e pela hierarquização de gêneros. A partir da trajetória abordada, examinei as múltiplas intersecções do *gênero* com outros componentes de diferenciação social, tais como classe e raça, fundamentais para o entendimento da construção de identidades e memórias pessoais multifacetadas, nunca estabelecidas definitivamente e sim sujeitas à infinitas recomposições, conforme foi demonstrado.

Assim, entendendo a prática esportiva como campo de poder, tramas, conflitos, tensões e investimentos, o trabalho pretendeu reconstruir as experiências vividas por Soraia André que, entre silêncios, conformidades e rupturas, protagonizou importantes conquistas para a afirmação da sua consciência de gênero e identidade negra.

Data de submissão: 31/07/2022

Data de aceite: 07/11/2022

Referências

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína(orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FARIAS, Claudia Maria de. **Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação brasileiras das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979**. Tese de doutorado. Niterói, Programa de Pós-graduação em História, UFF, 2012.

FRICKE, Gabriel. **Do ferro para alisar o cabelo ao quimono preto: a luta de Soraia André dentro e fora do tatame**. ge Olimpíadas, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com>.

GOMES, Euza Maria de Paiva. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. Quartet/FAPERJ, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LORIGA, Sabrina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

OBERTI, Alejandra. “Contarse a sí mismas. La dimensión biográfica em los relatos de mujeres que participaron em las organizaciones político-militares de



los '70". In: CARNOVALE, Vera, LORENZ, Federico e PITTALUGA, Roberto. **História, memória e fuentes orales**. Buenos Aires: Cedinci Editores, 2006.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SALVATICI, Silvia. "Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres". **História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, jan-jun de 2006.

VELHO, Gilberto. "Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica". **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, vol. 95, out-dez 1988.

